

Trinta anos do PPGHIS e um convite à reflexão

RACHEL SAINT WILLIAMS*

Há trinta anos o programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro dava início às suas atividades. No decorrer destes trinta anos, muitas mudanças ocorreram não só no âmbito das Universidades e programas de Pós-Graduações em Humanidades, mas na sociedade brasileira como um todo. Foi bastante expressiva a criação e a inauguração de novos programas de Pós-Graduação, especializações na área de História e também de cursos de graduação, incluindo bacharelado e licenciatura, em todo território nacional. Tal expansão deve ser pensada a partir da importância social conferida aos profissionais formados nesta área e ao papel que se espera que tais profissionais exerçam na sociedade concebida em toda sua diversidade. Trata-se de uma valorização complexa e ambígua tendo em vista a recente profissionalização do historiador, a exclusão da área das humanidades do programa Ciência sem Fronteiras¹ e a latente desvalorização do professor de história do ensino fundamental e médio. Estes elementos são sintomáticos da maneira dicotômica, e talvez um tanto esquizofrênica, que tem servido de parâmetro para pensar as atividades do historiador e, conseqüentemente, a relevância do discurso histórico.

Não se trata aqui de discutir o papel da História e das atividades do historiador atentando para todos os pressupostos teóricos e metodológicos necessários, nem mesmo de pensar a inserção de tal discussão nas características mais gerais da sociedade brasileira, conferindo assim à discussão a profundidade e a complexidade que ela própria requisita. A pretensão desta breve reflexão é bem mais modesta, optando por realizar uma breves considerações, essencialmente, acerca da influência de nossa formação sobre a função que pensamos e desejamos exercer em nossa sociedade, partindo de uma ótica subjetiva e personalista: minha própria experiência na área em sobredito. Minha formação em História teve princípio e fim na UFRJ e no PPGHIS, já que realizei meu curso de graduação, obtive o título de mestre e concluí o doutoramento

* Doutora em História Social PPGHIS/UFRJ

¹ Remeto para uma reflexão bastante razoável sobre esta questão ao artigo publicado em 19 de janeiro de 2013 por Alyson Freie na Carta Potiguar, *Ciências com fronteiras: A exclusão das humanidades pelo Mec*, onde o autor apresenta argumentos bastante plausíveis para explicar a desvalorização das humanidades, ao mesmo tempo em que reflete sobre as possíveis contribuições das humanidades para a sociedade. O artigo encontra-se no seguinte endereço:

<http://www.cartapotiguar.com.br/2013/01/19/ciencias-com-fronteiras-a-exclusao-das-humanidades-pelo-mec/>

nas citadas instituições. É deste ponto de vista, que buscarei realizar algumas conjecturas, oferecendo muito mais perguntas do que respostas.

Quero previamente deixar claro que a posição do crítico e do observador, na qual me coloco para escrever estas linhas, é sempre muito mais confortável do que a posição dos realizadores desta empreitada que veio a se concretizar na criação do PPGHIS, bem como da posição dos muitos professores que fizeram parte do corpo docente do programa ao longo de todos estes anos. O trabalho e a dedicação destes professores, junto, é claro, ao dos discentes que se formaram como mestres e doutores pelo programa, merecem toda a consideração e respeito, visto que possibilitaram ao PPGHIS alcançar a excelência e a notoriedade atualmente desfrutadas. Cabe também o devido reconhecimento à direção atual do PPGHIS que, a meu ver, tem produzido avanços significativos em três pontos fundamentais: na visibilidade do programa, na divulgação de seus eventos e no estabelecimento de uma linha cada vez mais ativa de comunicação com os pós-graduandos que recebem, em fluxo contínuo de informação, notícias sobre eventos acadêmicos, chamadas para publicações e são possibilidades de inserção no mercado de trabalho de nossa profissão. O PPGHIS está agora inserido nas redes sociais, veículo de comunicação de reconhecida relevância nos dias atuais, e seu site na web apresenta atualmente uma interface muito mais amigável aos usuários.

Contudo, reconhecer o papel exercido por estes professores e o conquistado prestígio da instituição por eles fundada e perpetuada, não nos conduz a uma postura acrítica. Ao contrário, assumir um olhar crítico significa desejar o constante aprimoramento do programa e ainda entender-nos enquanto sujeitos históricos capazes de engendrar mudanças e transformações precisamente por pensar criticamente o ambiente que nos circunda. Tal postura, tenho certeza, é compartilhada pela grande maioria dos professores que fazem, e já fizeram, parte da história do PPGHIS e talvez tenha sido um dos motivos precisos para fomentar e estimular a fundação do programa.

Foi justamente a partir de uma postura crítica que um grupo de mestrandos e doutorandos do PPGHIS² começou a se reunir nos corredores do IFCS³ no início do ano de 2007. Este grupo do qual eu tive o privilégio de participar começou a fomentar

² Correndo o risco de ser injusta com alguns colegas, nomino algumas das pessoas que integravam aquele grupo de discussões e peço desculpas aqueles que não foram citados: André de Lemos Freixo, Cláudio Beserra de Vasconcelos, Cristina Monteiro de Andrada Luna, Daniel Pimenta Oliveira de Carvalho, Felipe Esteves Lima Maciel, Ivan Norberto dos Santos, Marcelo Santos de Abreu e Rachel Motta Cardoso e Rodrigo Cardoso Soares de Araújo. A esses colegas, a minha gratidão por terem auxiliado em meu amadurecimento enquanto historiadora.

³ Nesta época ainda não havia sido criado o Instituto de História.

discussões que visavam colaborar para a melhoria do programa a partir do estabelecimento de um pressuposto que considerávamos fundamental, um programa de Pós-Graduação compreende um corpo docente e um corpo discente que devem atuar de maneira orgânica e sempre dialogada. Entre algumas das demandas que surgiram nas acaloradas discussões daquelas tardes estavam, em linhas gerais, a criação de uma revista discente, a participação dos alunos na organização da jornada de estudos do PPGHIS e principalmente a reivindicação de uma participação mais ativa dos discentes nos processos decisórios da casa. Partíamos de uma compreensão bastante simples, mas nem por isso menos verdadeira, a de que uma escola não existe sem alunos. Vale dizer, contudo, que um programa de Pós-Graduação é bem mais que uma escola. Quando fazemos seleção para ingressar no mestrado, já somos profissionais capacitados. Avaliar em sentido negativo essa constatação, seria destituir de sentido o curso de graduação. Trata-se de um espaço de especialização onde devemos buscar aprimorar e lapidar habilidades e conhecimentos previamente adquiridos, ou seja, uma instituição de qualificação de capital humano que deve fornecer as bases necessárias para a produção do conhecimento científico.

Felizmente grande parte das demandas anteriormente comentadas se transformaram em conquistas, até hoje perpetuadas e acrescidas por novas gerações de pós-graduandos do programa, das quais talvez o exemplo mais emblemático seja a própria revista *Ars Historica*. A revista, que já lançou quatro números e se propõe na presente edição a realizar uma homenagem e um balanço destes 30 anos de história do PPGHIS, me parece dar continuidade, sem deixar de agregar a identidade de cada um de seus comitês editoriais, a diversos princípios que surgiram ainda quando a revista era apenas um projeto. Entre tais princípios, ganha destaque a vontade expressa de que a revista se tornasse um espaço para a divulgação de pesquisas – sem quaisquer exigências prévias que pudessem se transformar em barreiras sem sentido ou tornar atávico o veículo de divulgação, como ser ou não um pós-graduando, ou mesmo um historiador – bem como o desejo de que a revista fosse um espaço que promovesse a troca e o intercâmbio de saberes tão necessários ao universo das práticas intelectuais, onde o diálogo e a crítica são elementos fundamentais para a construção e o desenvolvimento do conhecimento. As palavras de apresentação da revista são elucidativas:

Após 28 anos de existência, o corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) finaliza a produção de sua revista eletrônica. Organizada e

coordenada por alunos dos cursos de Mestrado e Doutorado do programa, a Revista *Ars Historica* surge com o objetivo de ser um meio de integração entre diversas áreas do conhecimento histórico através da publicação de artigos científicos produzidos, não só por discentes das diversas linhas de pesquisa do PPGHIS, mas também por pesquisadores de quaisquer outras áreas que, de alguma forma, busquem um diálogo com a História. Seguindo essa proposta de ampliação das discussões no meio acadêmico, a revista também receberá artigos enviados por graduandos que, assim, terão um espaço para a publicação de suas pesquisas, visando que, com esta oportunidade, tais investigações sejam estimuladas.

Esses objetivos partem da constatação de que a especialização observada com cada vez mais frequência nas investigações científicas, ainda que tenha produzido conhecimentos mais aprofundados, tem a desvantagem de criar pesquisadores e professores alheios às questões que concernem o meio acadêmico nas demais áreas. Em oposição a tal verticalização do conhecimento que lançamos *Ars Historica*, desejando que ela inspire futuras publicações do mesmo gênero e que contribua para reflexões entre as mais variadas áreas.⁴

Creio que alguns dos objetivos expostos acima poderiam servir de inspiração para pensar de uma maneira mais global e efetiva algumas características relacionadas à produção de conhecimento na área de humanidades e sem dúvida também o próprio posicionamento que pretendemos assumir como historiadores diante de nossa sociedade. Aí talvez se encontre um dos maiores equívocos em relação ao nosso labor e uma das muitas razões que explica uma valorização social tão estreita do resultado de nossas pesquisas; a crença de que todo conhecimento que fabricamos só alcança sua utilidade em uma chave retroalimentar. Ora, se não nos posicionamos criticamente diante dos desafios e problemas apresentados em nossa sociedade, se não vinculamos nossa produção de conhecimento, e existe uma grande variedade de possibilidades para estabelecer esse vínculo, às questões do nosso particular presente histórico – já havia registrado em seu tempo uma figura central do paradigma historiográfico do século XX, Lucien Febvre, “*É em função da vida que ela [a história] interroga a morte*” –, se continuamos a cavar um fosso cada vez mais profundo entre a universidade e a escola⁵; como esperar qualquer qualificação positiva de nossas práticas?

Estas, de forma alguma, são questões de fácil resolução e representam um grande desafio para nossa comunidade. Contudo, acredito que refletir e atentar para algumas noções básicas, que podemos exercitar cotidianamente através da postura que decidimos assumir diante da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, nos

⁴ A citação procede do próprio site da revista. Consulta realizada em 18/02/2013 às 16:39. <http://www.ifcs.ufrj.br/~arshistorica/arevista.htm>.

⁵ Ana Maria Monteiro, professora da faculdade de educação da UFRJ de quem eu tive o privilégio de ser aluna, desenvolveu uma pesquisa de grande qualidade que atenta para as questões relacionadas ao ensino de história levando em consideração as questões que permeiam as relações entre a universidade e a escola.

auxiliariam a alcançar uma estima maior para nossas tarefas. Uma das reflexões que considero basilar é perseguir uma integração e um diálogo cada vez mais ativo entre a Pós-Graduação e Graduação, já no espectro de noções que considero elementares estão: troca, interdisciplinaridade, ética, transparência e visibilidade, noções que entendo como apriorísticas para pensar a produção de conhecimento na sociedade atual. Tais noções não somente estão presentes na reflexão epistemológica contemporânea sobre a produção do conhecimento, mas ainda adquirem uma importância mais destacada se entendemos o PPGHIS pelo que ele é, uma instituição pública que é regida pelas disposições do Ministério da Educação e que recebe apoio dos órgãos de fomento do Estado.

Quiçá este aniversário balzaquiano do PPGHIS seja uma boa oportunidade para que docentes e discentes reflitam sobre o lugar social que deve ocupar um pós-graduado em História e acerca do papel do discurso histórico na realidade brasileira. Isto seria uma excelente homenagem ao trabalho e à dedicação de todos os envolvidos na criação e no desenvolvimento desta eminente instituição de ensino e pesquisa.